

Pesquisa do Dieese mostra que índice passou de 18,4% para 17,6% e é o mais baixo desde 1996. Produção aquecida e novas vagas no serviço público contribuíram para a criação de 11,9 mil postos. A renda, no entanto, caiu

Desemprego está menor no DF

GUILHERME QUEIROZ

DO JORNAL DO COMERCIO

O mercado de trabalho do Distrito Federal encerrou 2005 com a menor taxa de desemprego dos últimos nove anos. Entre novembro e dezembro, o índice apresentou queda acentuada de 18,4% para 17,6%, de acordo com a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) divulgada ontem pela Secretaria de Trabalho e pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). A marca é também a menor verificada na avaliação mensal desde fevereiro de 1997. Por outro lado, o rendimento médio do brasileiro sofreu queda de 2,4%, nos últimos 12 meses. O vencimento real médio dos brasileiros empregados caiu de R\$ 1.331 para R\$ 1.280.

O secretário de Trabalho, Gim Argello, ressalta que os vencimentos médios do trabalhador brasileiro ainda é entre 20% e 25% maior que o recebido pelos empregados em outras capitais brasileiras. Ele arrisca a previsão de que a tendência de queda no desemprego será mantida em 2006, com meta de reduzir a taxa para 16%.

Desde dezembro de 1996, quando a taxa de desemprego ficou em 15,7%, a PED não registra um índice tão baixo para o mês. O resultado sinaliza uma consolidação da queda no indicador, observada ao longo do ano passado. Em números absolutos, nos últimos 12 meses, o contingente de desempregados caiu de

George Gianni/GDF



SECRETÁRIO DE TRABALHO, GIM ARGELLO (D) APOSTA NUMA TAXA DE DESEMPREGO DE 16% NO FIM DO ANO

REDUÇÃO SIGNIFICATIVA

Renda média e taxa de desemprego no DF

Meses	Dez/04	Jan/05	Mar/05	Mai/05	Jun/05	Ago/05	Set/05	Out/05	Nov/05	Dez/05
Desemprego (%)	19,3	19,2	20,3	20,1	19,5	18,6	18,4	18,2	18,4	17,8
Renda média (R\$)	1.331	1.320	1.250	1.252	1.256	1.308	1.332	1.302	1.280	—

Fonte: PED-DF

228,9 mil para 218,9 mil pessoas.

O índice do DF (pesquisa do Dieese) é diferente do número do país (8,3% — IBGE), porque as metodologias são diferentes. A pesquisa do IBGE mede o desemprego aberto (pessoa que traba-

lhava, foi demitida ou pediu demissão, procura novo emprego e não acha). O Dieese inclui as pessoas com dez anos ou mais, perguntando se procurou emprego nos últimos 30 dias e não sete como o IBGE. O levantamento do

Dieese mede também o "desemprego por desalento" (pessoa procurou emprego nos últimos 12 meses, mas desanimou nos últimos 30 dias) e o "desemprego por trabalho precário" (pessoa fez "bico" nos últimos 30 dias).

Brasileiros confiantes

DA REDAÇÃO

A queda no desemprego e o aumento da renda estão melhorando o humor do brasileiro. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) subiu 6,7% na passagem de dezembro para janeiro, segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em dezembro, o indicador havia subido 0,6% em relação a novembro.

Essa é a quarta edição do indicador, calculado com base nos resultados da pesquisa "Sondagem das Expectativas do Consumidor", apurada desde outubro de 2002 (com periodicidade trimestral até julho de 2004, quando passou a ser mensal). De acordo com a FGV, "houve evolução favorável tanto das avaliações sobre a situação presente quanto das previsões para os próximos seis meses".

Expectativa

Para o cálculo do ICC, a FGV utiliza cinco quesitos da sondagem. O indicador é dividido em dois indicadores. O Índice de Situação Presente, composto por dois quesitos da sondagem, subiu 5% em janeiro em rela-

OTIMISMO

Índice geral de confiança do consumidor* sobe

	Em pontos
Set/05	100,0
Out/05	100,7
Nov/05	100,9
Dez/05	104,5
Jan/06	109,7

*Mede situação da economia e das finanças da família e expectativas quanto ao futuro, entre outros.

Fonte: FGV

ção a dezembro — ante aumento de 3,6% apurado de novembro para dezembro. Já o Índice de Expectativas, composto por três quesitos da sondagem, cresceu 7,5% em janeiro ante dezembro — sendo que, em dezembro, esse indicador caiu 1% ante novembro.

Ao detalhar os resultados, a FGV informou que, entre os quesitos de situação presente, a maior evolução ocorreu sobre avaliação da situação da economia local. Subiu de 12,8% para 14,4% a parcela dos entrevistados que classificam essa situação como boa, de dezembro para janeiro, enquanto que, no mesmo período, caiu de 48,2% para 43,5% a parcela dos entrevistados que a consideram ruim.